

ENSAIO SOBRE UMA FENOMENOLOGIA DA RESILIÊNCIA EM CHARLIE BROWN: CONTEXTOS INTERRELACIONAIS EM PEANUTS

ESSAY ABOUT A PHENOMENOLOGY OF RESILIENCE IN CHARLIE BROWN: INTERRELATIONSHIP CONTEXTS IN PEANUTS

ENSAYO SOBRE LA FENOMENOLOGÍA DE LA RESILIENCIA EN CHARLIE BROWN: CONTEXTOS INTERRELACIONALES EN PEANUTS

Vitor Gomes

Doutor em Educação. Docente no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação, Universidade Federal do Espírito Santos (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3388-1054>

E-mail.: vitor.gomes@ufes.br

RESUMO

Trata-se de um artigo, com características de ensaio transdisciplinar, que desvela aspectos constituintes de uma fenomenologia da resiliência do menino Charlie Brown, das tiras *Peanuts*. Apresenta o Charlie Brown em suas interrelações, constituição autoimagética e comportamental na interação com outros personagens: Linus, seu melhor amigo (estrutura de suporte); Lucy, a garota com a necessidade sádica de ser sua algoz (deseestrutura) e Sally, sua irmã caçula, sobre a qual exerce relação de zelo (empoderamento). Em termos metodológicos, realiza os seguintes procedimentos: define os limites “do que” e “quem” seriam observados, identificando quais personagens teriam maior diálogo com o protagonista. Seleciona um espaço-tempo de análise, no caso, uma série de tiras dos personagens publicadas no período de 1961 a 1962. Conclui que a relação entre os interlocutores revela um conjunto de suportes que potencializam comportamentos de resiliência psicológica e que, frustrando expectativas, o personagem central demonstra relação de superioridade diante das adversidades e do autoconceito negativo, desenvolvendo resiliência em contraposição ao que poderia ser psicologicamente autodestrutivo.

Palavras-chave: Resiliência; História em quadrinhos; Fenomenologia.

ABSTRACT

It is an article, with transdisciplinary essay characteristics, that reveals constituent aspects of a phenomenology of resilience of the boy Charlie Brown, from the comic strips *Peanuts*. It presents Charlie Brown in his interrelations, self-imaginary and behavioral constitution in the interaction with other characters: Linus, his best friend (support structure), Lucy, the girl with the sadistic need to be his tormentor (destructuring) and Sally, her younger sister, on which he exerts a relationship of zeal (empowerment). In methodological terms, we performed the following procedures: we traced the limits of "what" and "who" would be observed, identifying which characters had greater dialogue with the protagonist. We selected a space analysis time, in this case, a series of comic strips of the characters published in the period from 1961 to 1962. It is concluded that the relationship between his interlocutors reveals a set of supports that enhance behaviors of psychological resilience and that, frustrating expectations, the main character demonstrates a relationship of superiority in the face of adversity and the negative self-concept, revealing resilience as opposed to what could be psychologically self-destructive.

Keywords: Resilience; Comic books; Phenomenology.

RESUMEN

Se trata de un artículo, con características de ensayo transdisciplinario, que desvela aspectos constituyentes de la fenomenología de la resiliencia en el niño Charlie Brown, de las tiras cómicas Peanuts. Presenta a Charlie Brown en sus interrelaciones, en la construcción de la autoimagen y comportamiento en la interacción con otros personajes: Linus, su mejor amigo (estructura de soporte); Lucy, la chica con la necesidad sádica de ser su verdugo (des-estructura) y Sally, su hermana menor, sobre la que ejerce relación de celo (empoderamiento). En términos metodológicos, el estudio realiza los siguientes procedimientos: traza los límites "de lo que" y "quiénes" serán observados, identificando qué personajes establecen más diálogo con el protagonista. Selecciona un espacio-tiempo de análisis, en el caso, una serie de tiras de los personajes publicadas en el período de 1961 a 1962. Concluye que la relación entre los interlocutores revela un conjunto de soportes que potencian comportamientos de resiliencia psicológica y que, frustrando expectativas, el personaje central demuestra relación de superioridad ante las adversidades y el autoconcepto negativo, demostrando resiliencia en contraposición con lo que podría ser psicológicamente autodestructivo.

Palabras-clave: Resiliencia; Novelas Gráficas; Fenomenología.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, os estudos sobre tiras e histórias em quadrinhos (HQs) têm se popularizado como área de saber constituída, com conceitos e especificidades particulares. A partir de sua expressão onomatopeica, textual e visual, evidenciam-se mensagens e concepções que despertam diversos olhares interrogativos e analíticos.

Seus conteúdos são alvo de investigação a partir de múltiplos vieses que depreendem sua dimensão visual como transcendente aos aspectos de exclusivo entretenimento. Na conjuntura brasileira, apenas para citar alguns trabalhos, podemos elencar: Cirne (1997), Possenti (1998), Lins (2002), Santos Neto (2007), Ramos (2007) e Gomes (2012), que se devotaram à sua compreensão a partir de perspectivas linguísticas, filosóficas e/ou psicopedagógicas.

Assim, o que já fora compreendido pelo papel meramente lúdico, transforma-se em uma área de estudo, cujos princípios e análises desvelam o caráter complexo das relações psicológicas e/ou sociais inseridas nas tiras e HQs.

O resultado disto foi a sua gradual (atualmente comum) aparição em livros didáticos e, por consequência, sua utilização em sala de aula, por serem as HQs concebidas como facilitadoras da aprendizagem e auxiliadoras na composição de diversas perspectivas dialógicas entre educadores e educandos.

Um dos motivos que se pode elencar em favor de seu uso com jovens educandos, é a possível relação de identificação com seus personagens e, desta forma, como incentivo ao desenvolvimento da empatia, prática da leitura e criticidade.

À vista disto, é possível inquirir:

Sendo as HQs parte da diversidade de linguagens atualmente disponíveis, por que não utilizá-las com o objetivo de ampliarmos as relações que esse tipo de linguagem oferece, no sentido de oferecer possibilidades para que o aluno possa fazer suas próprias relações com a informação? (KAMEL; LA ROCQUE, 2006, p. 4).

Especificamente sobre as tiras de humor, apresenta Neri (2011, p. 4):

[...] as narrativas de humor, independente de sua extensão, apresentam uma estrutura ou unidade básica comum: a piada. Esta estrutura cômica básica é sempre breve e auto-conclusiva, uma vez que visa um efeito de caráter imediato e imprevisível, não podendo, portanto, se alongar. Assim sendo, podemos inferir que a estrutura básica do cômico não é propensa à novelização, ao desenvolvimento de uma estrutura serial cujo conflito central seja prolongado e fragmentado em várias partes interdependentes.

Neste sentido, destacamos que o universo das tiras de *Peanuts*, para além de seu aspecto cômico, exhibe fascinantes conteúdos para análises e reflexões, nas quais Charlie Brown, uma criança transpassada pelos infortúnios (que transformam suas experiências do dia a dia geralmente em fracasso), traz ao leitor riso e, ao mesmo tempo, críticas aos aspectos psicológicos e sociais da contemporaneidade.

Desta forma, indagamos: como o menino melancólico, cujas vivências adversas poderiam proporcionar sérios danos (psicológicos/afetivos/existenciais) não se vê afetado por elas? Em uma tentativa de responder a esta questão, inspirados pela fenomenologia existencial, pretendemos realizar o desnudamento do personagem com o intuito da apresentação de sua particular fenomenologia da resiliência, de sua capacidade/flexibilidade psicológica para a adaptação às adversidades.

A opção por tiras em quadrinhos (nesta produção) se evidencia a partir de sua objetividade e competência comunicativa na apresentação das características elementares de seus personagens. Neste sentido, convidamos a/o leitor/a ao desafio da imersão dentro do universo cômico destes personagens, em um diálogo com o sério.

Assim, este artigo (com características de ensaio) utiliza tiras de Charlie Schulz e as apresenta dentro de entrelaçamento teórico de inspiração fenomenológica que enseja desvelar transdisciplinarmente os aspectos componentes de uma fenomenologia de resiliência do personagem Charlie Brown.

Desta forma, a partir de aproximações psicopedagógicas, mostra possibilidades de uso destas tiras como pontes de abordagem de conceitos que transcendem a áreas específicas do saber.

Mas, antes de tudo, é necessário evidenciar...

A inspiração na fenomenologia existencial

Este trabalho é inspirado pelos procedimentos e concepções derivados da fenomenologia existencial, estabelecendo diálogo transdisciplinar acerca da resiliência do personagem Charlie Brown. Diante deste caráter, sua escrita desvela aproximações com a psicopedagogia.

Se imergíssemos em uma perspectiva etimológica, a fenomenologia poderia ser definida como o estudo acerca do que se apresenta/manifesta (sendo compreendido como fenômeno), cujo reconhecimento se dá a partir da percepção de um observador que, em um ensejo compreensivo, deverá realizar ações para o seu desocultamento.

A primeira delas: a de suspensão dos juízos de valor acerca do fenômeno, em um “isolamento/sublinhamento” para evidenciá-lo, sem torná-lo parcial e/ou defini-lo aprioristicamente (MARTINS; BICUDO, 1983).

Como produto histórico de um tempo/espço, após a segunda guerra mundial e em um retorno ao humanismo, essa suspensão é compreendida como relativa, uma vez que a observação é constituída por sujeitos (socio)historicamente imbricados; sendo assim, “é marcada pela mútua influência entre pesquisador e pesquisado, pois ambos produzem pensamentos com base na sua posição diante do outro e de si mesmo, o que influencia o processo da pesquisa” (ANDRADE; HOLANDA, 2010, p. 260).

É preciso destacar que, apesar de concepções comuns, a fenomenologia, como método científico, possui diversas variantes (FORGHIERI, 1993), o que nos faz inferirmos que existem “fenomenologias” singulares, constituídas a partir das idiossincrasias do pesquisador em seus entrelaçamentos com a realidade (HEIDEGGER, 1995).

Frente a isso, o pensamento e práticas fenomenológicas de pesquisa são integradas pela percepção e experiências do/a fenomenólogo/a, cuja existência não é dissociada do mundo.

Nesta perspectiva, a compreensão do pesquisador/a como sujeito existencialmente imbricado é de fundamental importância para o entendimento de que sua produção é uma expressão de seus sentidos/sentidos, dos sentidos particulares frente às experiências vivenciadas.

Desta forma, cremos nas análises realizadas acerca do universo de Charlie Brown e seus interlocutores, como sentidos/sentidos a partir de nossas percepções (MERLEAU-PONTY, 2011), sobre as quais, dentro de práticas associadas ao método fenomenológico, evidenciamos fragmentos particulares de captura da realidade do fenômeno observado e incitado pela indagação: Como se desvela a resiliência em Brown?

A partir disto e inspirado pelo método fenomenológico de Sanders (1982), realizamos os seguintes procedimentos:

- a) traçamos os limites “do que” e “quais” personagens seriam compreendidos, identificando-os em suas maiores ocorrências em diálogos e interações com o protagonista;
- b) selecionamos um espaço/tempo de análise, no caso, uma série de tiras do personagem publicadas no período de 1961 a 1962 (das quais como critério de ilustração são apresentadas quatro);
- c) e por fim, realizamos suas compreensões com a inspiração fenomenológica a partir do foco na resiliência do personagem.

Dito isto, agora iniciemos a apresentação de...

Charlie Brown e seus interlocutores

As tiras *Peanuts* foram criadas por Charles Monroe Schulz em 1950, sendo lançadas inicialmente em sete jornais no EUA. O desenhista, desde muito jovem, manifestava o desejo de tornar-se cartunista de tiras humorísticas. Com sua morte em 2000, as tiras foram retiradas do mercado, contudo, devido ao seu caráter popular, voltam a ser publicadas (posteriormente) na Internet e coletâneas (MUNDO DOS QUADRINHOS, 2008).

Quando chegam ao Brasil são chamadas de *Snoopy*; atingiram considerável sucesso, principalmente nos anos 80 do século passado, fama potencializada a partir de suas adaptações para a linguagem de desenhos animados e animações. Esses fatos influenciaram sua popularidade até os dias atuais, de maneira que as tiras *Peanuts* chegaram ao público de diversas gerações.

A mudança de título no Brasil indica uma inexatidão no sentido impresso por Schulz, uma vez que *Peanuts* (Amendoim), o apelido de Charlie Brown, tem como indicação o seu protagonismo e a apresentação da realidade vivenciada dentro de sua auto e heteropercepção de mundo. A partir desta perspectiva, preferimos conservar o título original dos quadrinhos, mantendo a concepção essencial de seu autor.

Uma das características marcantes nas tiras de Schulz é a profundidade psicológica dos personagens, cujos contornos são edificados por questões existenciais e comportamentais singulares na relação com o mundo (HEIDEGGER, 1995). Neste sentido, se concebidas dentro de aspectos dramáticos, poderiam induzir o leitor à compaixão pelas desventuras de seu protagonista, contudo, dentro do contexto humorístico em que estão imersas, sufocam a possibilidade de condução a tal sentimento (BERGSON, 1987).

Sobre os personagens, expressam Moura e Borges (2009, p. 97):

Esta verdadeira galeria de personagens situados na pré-infância encarna as neuroses, a antipatias e a mesquinhez tanto do mundo adulto, quanto do seu próprio, como se a sociedade os tivesse já corrompido na raiz, e criado “monstros” disfarçados de crianças. Caracterizando-a como uma pequena comédia humana de bolso (numa clara analogia à monumental obra de Balzac).

E completa Eco (2008, p. 286):

[...] a poesia dessas crianças nasce do fato de que nelas encontramos todos os problemas, todas as angústias dos adultos que estão atrás dos bastidores. Nesse sentido, Schultz é um Herriman, mas mais próximo do filão crítico e social de um Feiffer. Essas crianças nos tocam de perto porque, num certo sentido, são monstros: são as monstruosas reduções infantis de todas as neuroses de um moderno cidadão da civilização industrial. Tocam-nos de perto porque nos damos conta de que, se são monstros, é porque nós, os adultos, as fizemos assim.

Em termos de tramas, *Peanuts* apresenta crianças que residem no mesmo bairro, convivendo em espaços comuns (escolares ou não), cujas riquezas constitutivas mostram caricaturas de comportamentos adultos, em uma paródia da diversidade de tipos humanos em suas interações sociais.

De acordo com o enredo, cada jovem se transforma em peça-chave; todavia, o protagonista em grande parte das tiras, é Charlie Brown, que mantém contato e diálogo frequente com Lucy, a garota implicante, fiel algoz e, concomitantemente, sua “psicóloga”, que estabelece com ele relação destrutiva e alimentadora de seu complexo de inferioridade.

Pendularmente, apresenta Linus Van Pelt, fiel amigo e motivador. Criança reflexiva/sensata que estimula e aconselha positivamente Brown, demonstrando maturidade e, paradoxalmente, infantilidade, personificada pela presença de seu inseparável lençol e gesto de inserção de seu dedo polegar na boca (simulando uma chupeta).

Para Eco (1986, p. 288) o personagem “carrega aos ombros Freud, Adler, e talvez mesmo Binswanger (por intermédio de Rollo May). Individualizou, no seu cobertorzinho da primeira infância, o símbolo de uma paz uterina”.

O próximo vértice da pirâmide é formado por Sally, sua irmã mais nova, cujos comportamentos evidenciam o retrato da menina imatura, inconsequente e atrapalhada, sobre a qual, o carente e inseguro Charlie exerce relação de cuidado.

Outros personagens que co-protagonizam as histórias são: o *beagle* Snoopy e seu amigo Woodstock, um passarinho. Ambos apresentam comportamentos reflexivos e autoconfiantes, ao contrário de seu dono (Charlie). A relação do primeiro com Brown é de vinculação afetiva e, ao mesmo tempo, de manipulação psicológica, de acordo com suas vontades.

Quanto ao segundo, exerce a função de amigo e bicho de estimação do cão, desvelando tessituras cômicas delineadas pela incoerência. Afinal, não há comicidade fora do que é humano (BERGSON, 1987). Assim, Schulz transforma o Snoopy em um ser humanizado, profundo, existencialista e que, no fim da noite, dorme em sua casinha do lado de fora da residência, tal como um cachorro comum.

Outras figuras que se relacionam com Charlie e seus amigos, mas com aparições secundárias, são: Schröeder, personagem apresentado com seu inseparável piano

enfeitado com um busto de Ludwig van Beethoven, com o qual nutre relação devocional. Patty Pimentinha, sincera, esportista nata e intelectualmente limitada, cujas características são o inverso de sua melhor amiga Marcie, que apresenta o comportamento estereotipado de uma intelectual do tipo *nerd*.

Por fim, quanto ao protagonista Charlie Brown, trata-se de um azarado inveterado, com tendência à autocomiseração. Definido por Eco (2008, p. 287) como:

[...] ingênuo, cabeçudo, sempre inábil e, portanto, votado ao insucesso. Necessitado até à neurose de comunicação e "popularidade", e recebendo em troca, das meninas matriarcais e sabichonas que o rodeiam, o desprezo, as alusões à sua cara de lua-cheia, as acusações de burrice, as pequenas maldades que ferem profundamente.

Evidência disso é seu ato de pagar pelos conselhos de Lucy, que simplesmente o escarnece e humilha em uma espécie de “psicanálise selvagem” e, apesar disso, continua a procurá-la sempre que necessita de orientações. O menino é o ícone do adulto contemporâneo das metrópoles; do ser humano complexo, depressivo, sufocado por problemas profissionais, entre outros.

Mais de 53 anos depois, Peanuts aparece em mais de 2.600 jornais em todo o mundo e Charles M. Schulz tornou-se um nome conhecido em todas as casas. A tira mantém seu apelo universal através de cinco décadas diferentes e distintas. ‘Quando jovem, não podia entender quantos Charlie Browns existiam no mundo’, disse Schulz. ‘Pensei que era o único’. Agora sei que as bobagens de Charlie Brown são conhecidas de todo o mundo, tanto de adultos como crianças (MUNDO DOS QUADRINHOS, 2008, p. 1).

Da mesma forma que Dick Browne produziu seu clone em *Hagar, o Horrível*, Schulz criou em Charlie Brown o seu próprio. Conforme Michaelis (2015, p. 8):

Como muitos artistas, ele afirmava que poderia ser conhecido apenas através de sua criação. No sossego de seu estúdio na cidade de Santa Rosa, no norte da Califórnia, ele esquadrihava suas recordações mais secretas e suas peculiaridades mais pessoais e as codificava diariamente em quatro (mais tarde, três) quadros cuidadosamente elaborados da arte em quadrinhos. “Uma tira”, ele aprendera em um curso por correspondência, na década de 1940, “é, na verdade, uma imagem, que demonstra um pensamento com a forma de outro”. Em cada oportunidade que tinha, ele oferecia aos leitores uma chave: “Se uma pessoa ler minhas tiras todos os dias, ela me conhecerá, com certeza-saberá exatamente o que eu sou”.

Assim, é possível afirmar que a criação é a expressão de humor resiliente (GOMES, 2008) de seu criador. Schulz transforma revezes em comicidade, expressa nas desventuras do menino pessimista. O cartunista torna espirituosos problemas particulares, comuns a tantos outros como ele, cujo complexo e problemático personagem possibilita a reflexão acerca de questões existenciais (vivas no dia a dia), em um entrelaçamento entre o lúdico e o psicologicamente existencial.

[...] não há lugar para o preconceito, não há lugar para a exclusão: mais do que estética, a nossa é uma crítica decididamente cultural. Embora saibamos que, em se tratando de quadrinhos, a *história* dos personagens mereça um olhar crítico “atenado” com os mecanismos ideológicos da indústria cultural: a própria especificidade dos *comics* resolve-se num espaço gráfico-narrativo que, teoricamente, pode dispensar ou amenizar o “estar-dramático” dos personagens, sejam heróis ou não (CIRNE, 1997, p. 3).

Além de eco particular de seu criador, as tiras são reflexo do ser humano, em uma flexibilização do olhar a partir de sua caricaturização, a qual transforma drama em comicidade (BERGSON, 1987). Desta forma, rir das tiras, relaciona-se às analogias subjetivas realizadas acerca de si mesmo, e aos tipos psicológicos da sociedade que se reconhecem, em uma identificação do eu e do outro.

Conforme Eco (2008, p. 287): “[...]num oscilar contínuo de reações, dentro de uma mesma estória, ou entre uma estória e outra, não sabemos se devemos nos desesperar ou conceder-nos um hausto de otimismo”.

A partir disso, a linha entre o humor e o drama é tênue, sendo nesse ponto perceptível a habilidade de Schulz em transmutar o sério em risível. Retrata, assim, várias singularidades dos tipos sociais que conhecemos: o reflexivo, a mandona, o depressivo, o cômico e outros.

O universo de *Peanuts* apresenta teias interdependentes de relações, nas quais seus personagens são construídos e mantidos a partir de pontes existenciais que se estendem entre eles. Mesmo quando estabelecem vínculos autodestrutivos, na correlação com outras figuras evidenciam encadeamentos cômicos cujas vinculações, dentro da perspectiva da resiliência, são harmoniosas diante do que poderia ser produtor de um estado inverso.

Diálogos transdisciplinares: uma fenomenologia da resiliência em Charlie Brown

O transdisciplinar “diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina” (NICOLESCU, 1999, p. 2). Neste sentido, compreendemos a resiliência como um destes saberes que perpassa e transcende áreas específicas do saber.

Seja como capacidade socio-historicamente aprendida (COSTA, 1999), seja como ferramenta de adaptação e crescimento diante do traumático (GOMES, 2015; FLACH, 1991; GROTBORG, 2005 e outros), a resiliência pode ser compreendida a partir de perspectivas didáticas e/ou compreensivas.

Este é o nosso intuito: dialogar transdisciplinarmente com o personagem Charlie Brown, ilustrando “ensaísticamente” comportamentos que compreendemos como contornos de sua fenomenologia da resiliência.

Mas o que é uma fenomenologia da resiliência?

Resiliência é a capacidade de flexibilidade de um material. Adaptado da física para as ciências humanas (por Frederich Flach) o termo é também utilizado para conceituar a característica psicológica de adaptação às situações adversas provocadas por agentes estressores (GOMES, 2004).

Denominamos como fenomenologia da resiliência as características constituintes particulares que evidenciam comportamentos e/ou formas de enfrentamento dos revezes sem ser consumidos por eles.

Neste sentido, e com o intuito de apresentar Charlie Brown nestes aspectos, sublinharemos suas configurações intrapessoais (constitutivas e comportamentais) ilustradas pela relação com três personagens, que representam distintos estímulos vivenciados: Lucy (seu algoz), Sally (objeto de cuidado) e Linus (seu cuidador).

Iniciamos por este:

Figura 1- Acho que você tem medo de ser feliz, Charlie Brown!



Fonte: <http://julianamachaddo.blogspot.com/2011/05/acho-que-voce-tem-medo-de-ser-feliz.html>

A relação entre Linus e Brown é constituída por interações de mútuo suporte, nas quais os amigos ofertam um ao outro o que necessitam. Charlie, pessimista incorrigível, emprega a função de confidente particular de seu colega, usufruindo de sua característica singular: a persistente atitude cuidadora que consiste em lhe apresentar visão positiva das vivências adversas.

Conforme Sena (2006, p. 215):

A palavra cuidado deriva-se do latim cura, cuja escrita mais antiga era coera, empregada em um contexto de relações afetivas, e expressava a atitude de desvelo e preocupação com o outro, um sentido próximo daquele que hoje comunicamos com a expressão “está sob os cuidados de...”, no sentido de que alguém ou algo está sob a responsabilidade de outrem. Boff (1999, p. 91) diz que: O cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim. Passo então a dedicar-me a ele; disponho-me a participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de seus sucessos, enfim, de sua vida.

Sendo assim, o cuidado de Linus com seu amigo responde a uma prática psicoterápica instintiva, em uma atitude que compreende devoção, insistência e afeto; para o (recorrente) desamparado Charlie e suas crises existenciais, o menino se apresenta como eco (BERGSON, 1987) e suporte para suas lamúrias. Trata-se da ação de zelo que

desvela o sentido de ser para o outro, no qual, ambos, ainda que de forma instintiva, funcionam como estruturas retroalimentadoras de seus comportamentos.

Desta forma, se Charlie Brown elenca algo negativo, seu fiel companheiro lhe apresenta o lado positivo dos infortúnios, bem como possibilidades de superação, em uma relação que oferece possibilidade (e teste) para o seu otimismo e capacidade de reflexão sobre os problemas do outro.

Por esta via compreensiva, ambos são estruturas de suporte mútuo, amparo e, conseqüentemente, vias alimentadoras da resiliência psicológica diante dos reveses (GOMES, 2015). Assim, frente ao amigo repleto de comportamentos derrotistas, o fiel escudeiro indica possibilidades opostas às suas atitudes de autocomiseração.

Já com Lucy, a relação ganha contorno distinto, a partir da característica excêntrica e egocêntrica dessa personagem.

Na tira a seguir:

Figura 2- Psiquiatra¹



Fonte: <http://www.garotasgeeks.com/personagem-da-semana-charlie-brown/psiquiatra/>

Com a menina, se fortalece a relação autodestrutiva de Charlie Brown; como pagamento por seus conselhos, se retroalimenta a construção de autoconceito deficitário. Assim, a garota ressalta sempre o que há de pior em Charlie: suas fraquezas, inseguranças e, como sua “psicóloga/juíza”, decreta que jamais dará certo em nada. Mas ainda assim, ambos se atraem em uma relação de mútua dependência e com função distinta: ele é o saco de bater, ela a boxeadora.

Neste sentido, a garota expressa necessidade sádica de ser algoz do outro, mas o que supostamente poderia desencadear traumas a partir da apropriação/interiorização literal de suas considerações, pelo viés cômico, tem papel inverso. Assim, Lucy expõe as

¹ Tira traduzida para o português (por este pesquisador).

frustrações de Charlie à “luz do dia” e, neste sentido, origina ação com efeito oposto, pois a intenção destrutiva produz exatamente o estado inverso.

Ao invés de devastação, “tratamento”, ainda que selvagem. Desta forma, “o humor na resiliência (e no resiliente) é forma de frustrar as expectativas sociais, pois de onde se espera, comportamento de derrota, de desamparo, de entrega; encontra ao contrário, persistência” (GOMES, 2004, p. 28). Neste sentido, opostamente à sua intenção, Lucy apresenta a possibilidade de cuidado a Charlie Brown, em um comportamento cujo intuito destrutivo produz o resultado inverso.

Destarte, Charlie Brown, ainda que desvelando comportamento autodestrutivo em diversas ocasiões, concomitantemente evidencia resiliência e, neste sentido, fortalecimento diante das desventuras vivenciadas. Assim, tanto a menina quanto Linus, independentemente de suas intenções, apresentam relações e atitudes fortalecedoras do menino pessimista. Por fim, para a compreensão de Charlie como indivíduo resiliente, é necessário apresentar o terceiro vértice desta pirâmide relacional.

Como se observa nas tiras a seguir:

Figura 3-Tirinhas



Fonte: <https://www.pinterest.com/cintialamar/tirinhas/>

Figura 4- Chaminé



Fonte: <http://www.lpm-blog.com.br/wp-content/uploads/2013/12/chamine.jpg>

Se Charlie Brown, frente a Linus e Lucy, apresenta heteronomia comportamental, no contato com a caçula da família, empodera-se e, ainda que em certos momentos apresente seu habitual pessimismo, concomitantemente revela transcendência diante das suas próprias fragilidades emocionais, exercendo, como irmão mais velho, a função de suporte psicológico para a imatura Sally. Por essa via, assume relação de “cuidado cuidador, daquele que significa estar ao lado, fortificando e apoiando ao outro” (GOMES; MAFEZONI, 2013, p. 7).

[...] quando investimos no cuidado de alguém, certamente existe uma relação de implicação que tem a ver com nosso vínculo animal com o outro, algo que é mais antigo do que nós, que é a nossa dimensão de coexistência, e é sabido por nós que não escolhemos a quem amar ou a quem odiar, assim como não escolhemos a quem cuidar. Remetendo a Boff, o “cuidado surge”, e na perspectiva merleau-pontyana, eu diria que vivemos a experiência do cuidado quando percebemos ou gozamos da experiência do corpo próprio, a qual envolve entrelaçamento e reversibilidade, eventos que permitem uma dupla metamorfose, no sentido de que, na intercorporeidade, um abre possibilidade para que o outro seja um outro. Essa reversibilidade corresponde ao que Merleau-Ponty considera como uma pequena distância existente entre aquilo que efetivamente se apresenta na percepção e outras possibilidades. Isso talvez nos permita entender o modo como uma pessoa “escolhe” tornar-se cuidadora (SENA, 2006, p. 215-216).

Neste sentido, a criança exerce a relação de cuidador a partir de fatores produzidos pela interação com o outro, permeada de aspectos socio/históricos/culturais, que significam a sua apreensão do significado de ser irmão mais velho, dentro de seu contexto familiar. É a compreensão do zelo estabelecida a partir da aprendizagem em seu núcleo de parentesco, que enseja nele tal postura.

Contudo, a questão ainda se faz presente: como o menino com baixa autoestima pode ser cuidador de sua irmã?

Para isso, compreende-se que as relações estabelecidas com seus interlocutores são fortalecedoras, o que lhe permite o crescimento e apresentação de comportamento de “transcendência” com Sally. Destarte, nas falas e interações com Lucy, seus fantasmas são devidamente expostos de forma rude e objetiva — prática que faz com que nada seja ocultado. Assim, ao mesmo tempo em que a colega lhe possibilita o revés, é por meio dele que se estabelece relação de zelo com Brown, em um processo paradoxal e cômico.

Ao cair, ele revive, vive e antevive situações, ele percebe a si mesmo com o seu próprio olhar e com o olhar dos outros, para, então, assumir a condição de desafiante das dificuldades [...]. Uma vez de pé, o pó da queda é sacudido, é lançado para fora, é exorcizado através de uma ‘volta por cima’, isto é, de um giro na percepção do ocorrido [...] (COSTA, 1999, p. 162).

A resiliência de Charlie não significa inatingibilidade ou indiferença aos traumas ou impactos vivenciados, mas, apesar deles (e com eles), flexibilidade e empoderamento. Nessa lógica, a atitude de Linus, traz a Brown reflexão, em um contraponto de abordagens. Desta forma, se Lucy apresenta aspectos desestruturadores das vivências adversas, o amigo imprime a lógica de sua compreensão como possibilidade de crescimento.

Conceituando a resiliência, Gomes (2015, p. 25-26) afirma que:

Creemos nessa (conceitualmente) como uma relação de flexibilidade em relação à experiência adversa. [...] hoje concebemos diferentes formas de ser resiliente de acordo com características individuais. Neste sentido, consideramos que desde que o impacto não seja destruidor, existe uma relação de flexibilidade em relação a este. [...] identificamos formas de resiliência, que, podem sugerir uma fortaleza/inviolabilidade diante ao revés. Contudo, se resiliência é flexibilidade o impacto sempre produzirá seu movimento, ou seja: não existe inflexibilidade, mas apenas a nossa incapacidade de identificação desse movimento. Assim, independente do conceito de resiliência. Seja como fortalecimento, seja como diálogo, seja como equilíbrio, e outros. Acima de tudo, é flexibilidade, na qual, dentro das idiosincrasias do existir, cristaliza-se um construto que possibilita a vivência [...] diante aos movimentos e experiências de vida.

Assim, o comportamento cuidador de Charlie, expresso com Sally, evidencia sua capacidade de resistir e crescer na adversidade a partir de singular flexibilidade resiliente, alimentada nas/pelas interrelações com seus interlocutores. Desta forma, é a partir desta tríade, cujo produto se apresenta no comportamento zelador com sua irmã, que o

menino revela adaptabilidade diante das desventuras.

Schulz expressa-se em Brown, anti-herói cômico e depressivo, cujas desgraças causam riso. Neste sentido, desperta no leitor o conceito freudiano de economia, que se trata do relaxamento da “censura interna”, em uma suspensão da repressão sobre o inconsciente (FREUD, 1980). Portanto, quando se ri dos azares do personagem, existe economia do sentimento de misericórdia. Desta forma, a reprovação particular “relaxa” e, o que seria considerado como momento digno de compaixão, transforma-se em risível.

A partir da linguagem cômica, Charlie Brown apresenta comportamentos de resiliência no contato social com os três personagens citados, em um interessante e complexo jogo, que desperta fãs até os dias atuais. Destarte, o menino e seus interlocutores servem como reflexo e expressão caricata do mundo contemporâneo e seus tipos urbanos, assolados por crises existenciais.

Para Eco (2008, p. 290):

De repente, nessa enciclopédia das fraquezas contemporâneas, surgem, como dissemos, clareiras luminosas, variações descompromissadas, alegros e rondós onde tudo se apazigua: em poucas tiradas ágeis e desenvoltas, os monstros voltam a ser crianças, e Schultz torna-se um poeta da infância. Sabemos que não é verdade e, contudo, fazemos de conta que acreditamos. Na tira seguinte, Schultz continua a mostrar-nos, no rosto de Charlie Brown, com dois traços rápidos de lápis, a sua versão da condição humana.

O universo complexo dos personagens de *Peanuts* os transforma em permanente ícone da cultura *pop*, como reflexo da tipologia psicossocial visível no dia a dia das pessoas, possibilitando identificação pessoal com suas figuras, seja de forma empática e/ou congênere. Afinal, quem não conhece alguém depressivo, invejoso, companheiro, dedicado ou imaturo?

PALAVRAS FINAIS

A escolha pela análise do menino pessimista em suas relações deu-se a partir de identificação empática com os espaços-tempos destes personagens que, da mesma forma que muitas crianças, fizeram parte da infância/adolescência/juventude deste pesquisador.

Neste sentido, voltar à sua visualização, ainda que envolto dos aspectos teóricos (e da maturidade), produz profunda nostalgia e, ao mesmo tempo, compreensão distinta de seus personagens, em que o riso permanece, mas é acompanhado de reflexão acerca da profundidade psicológica que Charlie Schulz empresta a tais figuras.

Para Bosi (2003, p. 36):

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo "atual" das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo, profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Assim, o sentido/sentido se apresenta na análise a partir de outro espaço e tempo teórico/vivencial. Se na infância, postado no sofá, assistindo a sua versão animada, era possível passar algum tempo envolvido com as peripécias dessa turma para puro deleite, hoje, a partir de sua compreensão sob o viés da fenomenologia, permanecem atraentes como singularidades/individualidades dignas de dissecção e avaliação.

Neste aspecto espaço-temporal, cuja digressão possibilitou a análise, é necessário reafirmar o universo *Peanuts* como intencionalidade de caricaturização das relações humanas em uma via psicológica. Esse universo apresenta arquétipos cômicos em personagens entrelaçados com o problemático Charlie Brown, cujos interlocutores lhe servem como estrutura de apoio e/ou escárnio, mantendo-o estável dentro de sua habitual instabilidade. Assim, Schulz desvela a burlesca paródia do indivíduo urbano moderno.

Em um produto derivado da incoerência cômica (GOMES, 2008), existe equilíbrio visível nas teias da interrelação. Se dentro de certo aspecto, Charlie é menosprezado e escarnecido por Lucy, simultaneamente, presentifica-se entre eles acordo velado, consciente ou não, no qual ambos se permitem o papel que exercem sobre o outro. Assim, ainda que o protagonista se envergue como vara de bambu (diante da chacota sofrida), não se quebra.

Em outra via, existe o apoio de seu amigo Linus que, como fiel escudeiro, estabelece com Brown vinculação (contra)propositiva a comportamentos autodestrutivos, ofertando ao colega otimismo e reflexões doadoras de sentido às

vivências adversas. Nessas caóticas interações são potencializados os comportamentos fortalecedores diante dos reveses que, na relação com Sally, transformam o menino inseguro, em uma “ilha de segurança” para a caçula da família.

Destarte, ainda que tenha autoimagem negativa, o menino, por meio desta rede interrelacional, personificada pelos opostos Linus e Lucy, apresenta com a irmã, relação de superioridade apesar das adversidades e do autoconceito negativo. A partir de estruturas traumáticas e protetivas (CALIMAN, 2000), evidencia comportamento contraditório ao que poderia ser psicologicamente destrutivo. Assim, esta tríade de relações, fundamentais para o processo autoconstrutivo de Charlie Brown e seus interlocutores, mostra um conjunto interativo de comportamentos de resiliência psicológica que transformam o adverso em digerível.

Por último, ainda que não seja objetivo direto deste artigo, mas apenas como intenção de elencar/sublinhar motivos para estudo e utilização de tiras cômicas (como *Peanuts*) em contextos escolares (ou não), é necessário ressaltar sua relevância inter/transdisciplinar que envolve os aspectos pedagógicos (de seu uso) como produtoras de sentidos/significados para apresentações, críticas e/ou ilustrações de ideias. Desta forma, as HQs favorecem aprendizagens e podem ser empregadas como parte das disciplinas de história, geografia, português, sociologia, filosofia e outras, seja em seus aspectos crítico-sociais, seja para a compreensão dos contextos históricos, nas quais foram criadas.

Sobretudo, as tiras cômicas possuem profundidade reflexiva que, a partir do conhecimento de sua realidade, proporciona empatia e, ao mesmo tempo riso, mesmo ante vivências traumáticas. Citando Freud (1980, p. 102), “o chiste é assim um velhaco hipócrita, servidor, a um só tempo, de dois amos”. Exemplo disto são as tiras do icônico jornal “O Pasquim” que, durante a ditadura militar no Brasil, unia críticas sociais e comicidade.

Assim, o espaço-tempo de tiras cômicas como *Peanuts* apresenta e transpõe o caráter disciplinar, expondo críticas sociais provocadoras de riso e reflexão acerca dos tipos humanos, em uma caricaturização que potencializa o sentimento de empatia e/ou identificação com seus personagens. Desta forma, a gargalhada vem acompanhada do sentimento de reconhecimento do outro (e de si próprio) a partir de sua burlesca apresentação do dia a dia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE; Celana Cardoso; HOLANDA, Adriano Furtado. Apontamentos sobre uma pesquisa qualitativa e empírico-fenomenológica. **Estudos de psicologia**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 259-268, jun. 2010.

Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000200013. Acesso em: 13 maio 2020.

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação do cômico. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios sobre psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CALIMAN, Geraldo. Promuovere la resilienza educativa: dai fattori di rischio ai fattori protettivi. **Orientamenti Pedagogici**, Roma, n. 47, v. 1, p. 19-44, 2000.

CIRNE, Moacy. Heróis e personagens: talvez sim, talvez ficção. **Estud. Psicol.**, Natal, v. 2, n. 1, p. 86-108, 1997.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **A presença da pedagogia**: teoria e prática da ação socioeducativa. São Paulo: Global, 1999.

ECO, Humberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ETC & tals. **Acho que você tem medo de ser feliz Charlie Brown!** Disponível em: <http://julianamachaddo.blogspot.com/2011/05/acho-que-voce-tem-medo-de-ser-feliz.html>. Acesso em: 15 maio 2020.

FLACH, Frederich. **Resiliência**: a arte de ser flexível. São Paulo: Saraiva, 1991.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisas. São Paulo: Pioneira, 1993.

FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Edição brasileira das obras completas de Sigmund Freud (E.S.B). Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GAROTAS geeks. **Psiquiatra**. Disponível em: <http://www.garotasgeeks.com/personagem-da-semana-charlie-brown/psiquiata/>. Acesso em: 15 maio 2020.

GOMES, Vitor. **Três formas de ser resiliente**: (Des)velando a resiliência no espaço escolar. 2004. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2004.

GOMES, Vitor. **O bom-humor de professores de uma escola especial e a comicidade que a corrompe**: uma “leitura-sentida a partir de Bergson”. 2008. 276 f. Tese (Doutorado em

Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2008.

GOMES, Vitor. **A psicopedagogia fenomenológica e o humor resiliente nas histórias em quadrinhos**: possibilidades de análise. São Paulo: Plêiade, 2012.

GOMES, Vitor. **A fenomenologia da resiliência**: teorias e histórias de vida. Curitiba: CRV, 2015.

GOMES, Vitor; MAFEZONI, Andressa. Sexualidade e necessidade especial: lições e reflexões a partir de Gaby, uma história verdadeira. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL: AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS, 7, 2013, Rio de Janeiro. **Anais [...]**, Rio de Janeiro: UERJ, 2013. p. 1-11.

GROTBERG, Edith Henderson. Introdução: novas tendências em resiliência. In: MELILLO, Aldo; OJEDA, Élbio Nestor Soares (org.) **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

HOLANDA, Adriano Furtado. Pesquisa fenomenológica e psicologia eidética: elementos para um entendimento metodológico. In: BRUNS, Maria Alves Toledo; HOLANDA, Adriano Furtado (org.). **Psicologia e fenomenologia**: reflexões e perspectivas. Campinas: Alínea, 2003. p. 41-64.

KAMEL, Cláudia; LA ROCQUE, Ludia de. As histórias em quadrinhos como linguagem fomentadora de reflexões – uma análise de coleções de livros didáticos de ciências naturais do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, Porto Alegre, v. 6, n. 3, p. 1-15, set./dez., 2006.

LAMAR, Cintia. **Tirinhas**. Disponível em: <https://www.pinterest.com/cintialamar/tirinhas/>. Acesso em: 15 maio 2020.

LINS, Maria da Penha Pereira. **O humor nas tiras de quadrinhos**: uma análise de alinhamentos e enquadres em Mafalda. Vitória: Graffer, 2002.

L&PM Editores. **Chaminé**. Disponível em: <http://www.lpm-blog.com.br/wp-content/uploads/2013/12/chamine.jpg>. Acesso em: 15 maio 2020.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação**. São Paulo: Moraes, 1983.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MICHAELIS, David. **Schulz & Peanuts**: a biografia do criador do Snoopy. São Paulo: Seoman, 2015.

MOURA, Sérgio Arruda de; BORGES, Eliana Maria. Discursos de identidades em tiras de humor: análise em duas vertentes críticas. **Comunicação e Universidade**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 95-105, 2009.

MUNDO dos quadrinhos. **Criador de Snoopy e sua turma**. 2008. Disponível em: <https://mundoquadrinhos.blogspot.com/2008/01/criador-de-snoopy-e-sua-turma.html>. Acesso em: 15 maio 2020.

NERI, Jéssica. A serialização cômica: um estudo sobre Peanuts, de Charles Schulz. In: JORNADA INTERNACIONAL DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 1, 2011, São Paulo. **Anais [...]**, São Paulo: USP, 2011. p. 1-14.

NICOLESCU, Basarab. Um novo tipo de conhecimento – transdisciplinariedade. In: ENCONTRO CATALISADOR DO CETRANS – Escola do Futuro, 1, 1999. Itatiba, SP: USP, 1999. p. 1-9. Disponível em: <http://www.ufrj.br/leprans/arquivos/conhecimento.pdf>. Acesso em: 21 maio 2020.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua**: análises linguísticas de piadas. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

RAMOS, Paulo. **Tiras cômicas e piadas**: duas leituras, um efeito de humor. 2007. 431 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Faculdade de Filosofia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-04092007-141941/pt-br.php>. Acesso em: 15 maio 2020.

SANDERS, Patricia. Phenology: a new way of viewing organizational research. **Academy of Management Review**, NY, v. 7. n. 3, p. 353-360, 1982.

SANTOS NETO, Elydio dos. Os quadrinhos poético-filosóficos de Gazy Andraus: provocações de uma visão crítica, espiritual e afirmativa da vida. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30, 2007, Santos. **Anais [...]**, Santos: UNISANTOS, UNIMONTE, UNISANTA, 2007. p. 1-15.

SENA, Edite Lago da Silva. **A experiência do outro nas relações de cuidado**: uma visão merleau-pontyana sobre as vivências de familiares cuidadores de pessoas com doença de Alzheimer. 2006. 284f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/88759/236390.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 maio 2020.

Recebido em: 25/04/2020

Parecer em: 01/07/2020

Aprovado em: 03/08/2020